

NOTAS

SOB A ORIENTAÇÃO DO OFICIAL ADMINISTRATIVO
MARIA DE LOURDES LIMA MODIANO

Melhoram as perspectivas de vida para a humanidade

Otimistas as previsões da FAO para o próximo ano

MARIA DE LOURDES LIMA MODIANO

PELA primeira vez, desde que se desencadeou sobre o mundo a torrente de sangue provocada pelo imperialismo nazista, começam a apontar no horizonte os prenúncios de uma nova aurora. Não se dissiparam ainda, de todo, as nuvens negras que ensombravam a terra. Todavia, já se pode vislumbrar, ao longe, um tênue raio de sol que talvez acabe triunfando das trevas que, há mais de uma década, envolviam os destinos da humanidade.

Desde a sua instalação, após o último conflito mundial, a Organização de Alimentação e Agricultura das Nações Unidas (FAO), entidade filiada à ONU e que, de certo modo, sucedeu à UNRRA em sua tarefa de levantamento dos recursos alimentares mundiais, publica, anualmente, substancioso e circunstanciado relatório retratando com uma fidelidade e uma honestidade dignas de respeito, a situação aflitiva em que se debatem as populações do nosso planeta. E não somente retrata periodicamente a situação existente, como, também, apresenta os seus prognósticos sobre o período a seguir, no nobre objetivo de esclarecer governos e governados e concitá-los, ao mesmo tempo, a colaborar na árdua tarefa de reconstrução do mundo.

Os primeiros relatórios foram dos mais sombrios, tão sombrios que o grande cientista e sociólogo britânico, Lord John Boyd Orr, este ano detentor do prêmio Nobel da Paz, subscrevendo como Diretor-Geral da FAO um dos seus primeiros relatórios, viu seu nome e suas previsões servirem de base e apoio à literatura dos Vogt, dos Osborn e de outros que lhes seguiram as pegadas, preconizando, para a salvação da humanidade, medidas drásticas, anticristãs, de sacrifício dos mais fracos, para que pudessem viver, e viver melhor, os mais fortes, neste planeta superpovoado que já não podia — afirmavam eles —

alimentar sua população em constante crescimento.

O relatório da FAO, apresentado aos delegados dos países membros dessa organização mundial em sua 5.^a reunião da Conferência anual, já se apresenta sob um aspecto diferente. Sem encobrir a verdade dos fatos, mostra-nos, com a sóbria eloquência das cifras, que a humanidade pode e deve esperar dias melhores.

E' um extenso trabalho, compilado em um volume, sob o título de "STATE OF FOOD AND AGRICULTURE 1949" e foi escrito sob a supervisão direta do Diretor-Geral daquele organismo internacional, Sr. N.E. Dodd, norte-americano que sucedeu a Lord John Boyd Orr.

Em seu apêndice, apresenta o volume copiosos dados acêrca dos mais variados produtos agrícolas, têxteis, florestais e industriais, relacionados com a subsistência humana.

Um dos pontos que mais impressionam, nesse vasto documentário, é o que se refere ao contraste entre os padrões de vida nos países ricos e nos países pobres, mostrando-nos que os povos que, há dez anos atrás já eram bem alimentados, estão hoje em melhores condições do que antes, enquanto que os insuficientemente alimentados, na sua maioria, pioraram de situação.

Não há dúvida que a observação muito dá para refletir.

Por outro lado, vemos, por exemplo, no trabalho da FAO, que a produção alimentar muito se desenvolveu no período 1948-49 em tôdas as regiões do globo, exceção feita da Austrália e da Nova Zelândia (países que sempre se destacaram nesse particular) e que o abastecimento de gêneros foi mais farto do que no ano anterior em tôdas as principais regiões, a não ser na América do Norte, onde já era alto.

As colheitas do último ano, no Hemisfério Norte, levantaram verdadeira barreira contra a ameaça de fome que pairava sobre o mundo desde a última guerra.

Vemos com surpresa, também, que, na Europa, foi na Alemanha que se verificou melhoria mais sensível no setor alimentação.

O relatório dá uma análise da situação alimentar das populações do globo em termos de calorias, isto é, tendo em vista o número de calorias que cada indivíduo consome, em média, em cada país, diariamente. Comparado com o período 1947-48, o nível calórico elevou-se de modo apreciável na Europa, na África meridional e setentrional, no Oriente próximo e na América Latina, zonas onde antes mais se fazia sentir, no período de após-guerra, a fome global. Diminuiu, porém, nos países do Extremo Oriente, onde já eram precárias as condições alimentares das populações. Na Nova Zelândia, no Canadá e nos Estados Unidos, países de população normalmente mais bem alimentada, sofreu também ligeiro declínio. Nestes últimos, porém, tal como na Austrália, na Argentina, na Dinamarca, na Irlanda, na Noruega, na Suécia e no Reino Unido, o consumo de calorias *per capita* continua a superar o dos outros países. O nível dos demais elementos nutritivos acompanha de perto o das calorias.

Mas, acentua o relatório, a população mundial continuou a crescer, num ritmo variável de um país para outro, mantendo, porém, a proporção média de cerca de 1% ao ano. Considerando-se as reservas alimentares existentes, em confronto com a população global do mundo, a situação já não se apresenta tão favorável. Em todos os pontos da terra, a não ser no Hemisfério Ocidental, a quantidade de alimentos de que dispõe cada indivíduo continua inferior ao que era antes da guerra. Para remediar, pois, essa situação, acentua a FAO no seu relatório, faz-se mister aumentar os suprimentos alimentares numa proporção superior ao aumento da população.

Em outras palavras: uma vez que o aumento populacional — variável de um país para outro — oscila entre 1 e 2,5% ao ano, o abastecimento alimentar deverá aumentar pelo menos em 2 a 3,5%, anualmente. Infelizmente, em parte alguma do mundo há sinais de tal aumento.

Estudando os preços da lavoura no conjunto das nações, observa a FAO que o "boom" de após-guerra, que tanta prosperidade trouxe aos que se entregam a essa atividade, tendeu a declinar no ano findo. Os preços dos produtos agri-

colas baixaram ligeiramente nos países da zona do dólar e, nos países europeus, sofreram deflação.

Na América do Norte, por exemplo, ao iniciar-se o último semestre de 1949, observou-se que os preços pagos aos fazendeiros correspondiam a 16% dos do ano anterior. Os preços dos produtos de que necessita a lavoura desceram, porém, apenas 3%. Segundo a FAO, a situação dos fazendeiros, em comparação com a de outros grupos da população, permanece, porém, ainda muito mais favorável, na maioria dos países, do que antes da guerra.

Outro ponto interessantíssimo do relatório é o que se refere ao comércio internacional. Verifica-se aí o impressionante vulto das exportações dos Estados Unidos e do Canadá, no total das exportações mundiais. Antes da guerra, representavam elas a sétima parte desse total. Hoje, correspondem a dois quintos, cabendo os três quintos restantes à totalidade dos demais países.

Um fato torna-se evidente, da leitura do relatório: a dependência, cada vez maior, do resto do mundo para com os dois grandes Estados norte-americanos e a crescente escassez de meios com que luta cada povo, para pagar suas importações.

O equilíbrio da balança comercial vai-se tornando, evidentemente, por toda parte, cada vez mais precário. E — como acentua o relatório — qualquer queda súbita nos proventos em dólares, ou nas dádivas e empréstimos norte-americanos, nos países atingidos pela escassez alimentar, pode provocar um colapso, acarretando, como consequência, maiores dificuldades de alimentação para as respectivas populações e mais um problema para a América do Norte, quanto à colocação dos seus excedentes.

É que a questão dos excedentes da produção dos países ricos começa a preocupar a FAO. Uma das suas cogitações, fácil de deduzir-se através do seu relatório de 1949, é induzir esses países a manterem altos seus níveis de produção, para atender às necessidades dos que ainda lutam e continuarão a lutar contra a escassez de gêneros.

Outra observação interessante no terreno do comércio internacional é a seguinte: a escassez de dólares, por toda a parte, dificulta cada vez mais o intercâmbio com os países da zona do dólar. Em compensação, expandem-se auspiciosamente as trocas dentro da zona de moedas flutuantes, isto é, fora da zona do dólar.

E' impressionante o número de acordos comerciais e de pagamento, firmados entre estes

últimos. A lista de produtos hoje relacionados nesses acórdos já inclui — diz o relatório — 80% dos produtos comerciáveis do mundo. A FAO considera tais acórdos “um sistema complexo e mal ajustado”. Não duvida, porém, que favoreçam o intercâmbio entre países.

A parte mais auspiciosa do relatório é a que se refere às perspectivas para 1950/51. Prognostrica a FAO melhores suprimentos e preços mais baixos. Os excedentes começarão a acumular-se.

Já os Estados Unidos e o Canadá, dando por encerrada sua missão de auxílio aos povos na emergência de guerra e de após-guerra, começam a preocupar-se com o problema dos excedentes agrícolas iminentes e estudam programas de restrição à produção.

Por outro lado, outros países, menos afortunados, tratam de incrementar a própria produção, traçando programas, elaborando planos a prazo fixo, com o objetivo evidente de aumentarem as exportações e restringirem as importações.

É de esperar-se, portanto, que, nos próximos doze meses, o panorama do comércio mundial passe por certas modificações: de um lado, os

países ricos reduzindo a produção do que não podem vender, dada a falta de recursos dos mais necessitados. Por outro lado, um esforço deliberado, por parte dos países pobres, para se libertarem aos poucos da penosa dependência, procurando produzir mais, vender mais, a fim de suprir as próprias necessidades.

O relatório indica dois caminhos a seguir na luta contra a pobreza e a subnutrição. Um deles, é a assistência técnica aos países economicamente subdesenvolvidos, onde são, atualmente, inadequados os recursos de equipamento técnico e material. O outro, o estabelecimento de novos rumos ao comércio de produtos alimentares, vencendo as barreiras econômicas e as restrições à produção.

Oxalá sejam ouvidos e seguidos êsses sábios conselhos e é possível que um dia, em futuro talvez não tão distante, sem os chocantes contrastes de miséria e opulência hoje existentes entre as nações, venham as gerações futuras a viver uma era de paz e prosperidade. E outros não podem ser os anelos dos bons brasileiros, uma vez que o Brasil, país que tanto depende do seu comércio exterior, ainda tem os seus interesses ligados aos interesses dos mais fracos.

As principais organizações de estudo de administração pública dos Estados Unidos

Recebemos a publicação que se segue e, data venia, reproduzimo-la pela oportunidade e interesse do assunto para todos os estudiosos da matéria.

O “1313” E AS ORGANIZAÇÕES NÊLE SEDIADAS

A partir de 1929 certas organizações nacionais interessadas em questões de governo e administração pública, e várias associações nacionais de funcionários públicos começaram a estabelecer suas sedes em Chicago. Várias dessas organizações começaram, a partir de 1938, a ter como sede o edifício n.º 1313 East 60th Street, Chicago, que foi especialmente construído para alojar essas organizações.

As principais organizações localizadas no “1313” são:

Associação	Data da Fundação	Sede em Chicago
American Public Works Association	1894	1934
National Association of Secretaries of State	1904	1936
Municipal Finance Officers Association	1906	1932

Civil Service Assembly	1906	1935
National Association of Attorneys General	1907	1935
Governors' Conference	1908	1938
International City Managers' Association	1914	1929
American Municipal Association	1924	1932
American Public Welfare Association	1930	1932
Public Administration Clearing House	1931	1931
American Committee for the International Union of Local Authorities	1932	1932
Council of State Governments	1933	1933
National Association of Housing Officials	1933	1933
Public Administration Service	1933	1933
National Association of Assessing Officers	1934	1934
American Society of Planning Officials	1934	1935
Federation of Tax Administrators	1937	1937